

SIGA A ANTA: ELA É UM DETETIVE ECOLÓGICO

Liana John

Publicado em 6 de maio de 2001 no *Jornal da Tarde*, São Paulo (SP)

O "tráfego" destes animais, através de lavouras, ensina a proteger melhor os fragmentos florestais do Pontal do Paranapanema

Uma pesquisa que começou com a intenção de estudar os hábitos do maior mamífero brasileiro, a anta (*Tapirus terrestris*), acabou se transformando em um projeto inovador de conservação da biodiversidade, no Pontal do Paranapanema, extremo oeste de São Paulo.

A bióloga Patrícia Médici, do Instituto de Pesquisas Ecológicas (Ipê), iniciou a observação das antas do Parque Estadual Morro do Diabo, principal remanescente paulista de floresta atlântica do Interior, em outubro de 1996. Logo percebeu que algumas delas não se restringiam ao perímetro do parque para se alimentar, e circulavam também entre as pastagens e lavouras de cana, café e mandioca, a caminho das reservas florestais localizadas nas fazendas e assentamentos vizinhos.

"Surgiu então a idéia de transformar as antas em 'detetives ecológicos', incluindo-as em outro projeto de pesquisa, que se iniciava na região, naquela época", conta Patrícia. O projeto 'detetives ecológicos' usa onças pintadas, sussuaranas (*onças pardas*) e jaguatiricas para orientar a política de formação de corredores de fauna entre as unidades de conservação e os fragmentos florestais das vizinhanças. Os felinos são monitorados desde 1997, através de colares com radiotransmissores, nos seus percursos noturnos em busca de presas.

Os caminhos que os animais percorrem são as áreas preferenciais para a instalação de corredores de fauna, considerados o conceito mais moderno de conservação para ecossistemas muito fragmentados, como é o caso da Mata Atlântica. A originalidade da idéia dos 'detetive ecológicos', coordenado pelo biólogo Laury Cullen Júnior, também do Ipê, trans-

formou este projeto numa referência internacional em Biologia da Conservação.

As antas circulam bem menos do que as onças e repetem com maior freqüência os mesmos caminhos, formando carreiros. Em muitos casos, passam por baixo de cercas ou até arrebentam alguns fios. Mas a ocupação mais densa de alguns lotes próximos do parque, com cercas de muitos fios, já está dificultando sua passagem. "Elas não prejudicam muito as lavouras, aparentemente preferem frutos, capins e raízes nativos, comendo também cascas de árvores e brotos frescos", diz a pesquisadora.

Como a área onde está ocorrendo o adensamento da ocupação humana é um assentamento - o Ribeirão Bonito - com o qual os pesquisadores do Ipê já trabalham há bastante tempo, a idéia é negociar com os donos de lotes algumas passarelas para as antas. Isso evitaria sua entrada nas roças e manteria a circulação entre o parque e os fragmentos florestais próximos.

No mesmo assentamento também estão sendo implantados alguns 'bosques-trampolim', pequenas áreas de reflorestamento, entre o parque e estes fragmentos freqüentados pelos animais, que incentivam as antas a manter aquele carreiro.

No total, 18 antas já ganharam colares com radiotransmissores nestes quatro anos, mas apenas cinco continuam sendo seguidas pelos pesquisadores: as fêmeas Georgette, Patrícia, Paulette e Chu-Chu e o macho James (Bond, o 007). As outras perderam os colares durante a pesquisa ou morreram. Pelo menos uma delas - um macho chamado João - morreu nas garras de uma das onças do mesmo programa, o Sherlock. Faltou explicar aos dois, talvez, que eram detetives com a mesma missão investigativa.

Segundo os resultados preliminares da pesquisa, as antas circulam por territórios de 2.000 a 3.000 hectares, dependendo da riqueza da floresta onde moram. Seus territórios se sobrepõem e é até possível encontrar duas antas adultas juntas, no mesmo local de alimentação. “Estes dados são inéditos: até agora a literatura dizia que as antas eram animais solitários e que apenas mãe e filhote andavam juntos, mas não é o que verificamos”, diz Patrícia. Em geral quando se tornam adultos, os jovens buscam seu próprio território. “As jovens fêmeas ficam em áreas mais ou menos próximas do território da mãe mas os jovens machos se deslocam para mais longe”, acrescenta.

A sobreposição entre as áreas de duas antas chega a ser de 50% e não há brigas em defesa do território, como acontece com muitas outras espécies. Esta informação é muito importante para os programas de conservação em um Estado de florestas tão fragmentadas como São Paulo.

Significa, por exemplo, que podem ser introduzidas mais antas por área, num fragmento grande como o Morro do Diabo. Nas primeiras avaliações feitas pelos pesquisadores do Ipê, a capacidade de suporte do parque seria de 175 antas. “Mas agora, com estes dados, estimamos que o parque pode sustentar de 300 a 400 animais”, observa Patrícia.

Em geral, quando uma área é desmatada ou a floresta é fragmentada, a anta é um dos primeiros mamíferos a desaparecer. Ela migra para matas maiores, onde tem abrigo e alimento adequado, ou acaba vítima de caçadores e doenças, aos quais fica mais exposta. Com isso, os fragmentos florestais perdem uma grande dispersora de sementes, fundamental para a renovação natural da mata.

“As antas são importantíssimas para dispersar sementes grandes de palmeiras e árvores, como o jatobá. Sua ausência pode causar a extinção local de várias espécies”, diz Mauro Galetti, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus Rio Claro.

Sem a dispersão, as sementes germinam apenas em volta da árvore-mãe e não conseguem competir com

esta por luz, nutrientes ou água. O fragmento florestal fica apenas com árvores adultas e, quando elas caem ou morrem, a mata vai se empobrecendo.

Uma grande desconhecida no País

Tem quem confunda uma anta com hipopótamo ou até com rinoceronte. Embora seja nosso maior mamífero, ela vive no 'anonimato'

Apesar de ser o maior mamífero do País e até freqüentar as conversas urbanas, com conotações pouco elogiosas, a anta (*Tapirus terrestris*) ainda é desconhecida da maioria dos brasileiros. Não é raro serem tomadas por hipopótamos ou rinocerontes por freqüentadores de zoológicos. Uma anta adulta mede cerca de dois metros e pesa até 250kg. O tempo de gestação é de 13 meses e 15 dias e, depois de dar à luz, a fêmea pode acasalar novamente. Por isso, pode-se encontrar uma anta com filhote em qualquer época do ano, no que ela difere da maioria dos mamíferos menores, cujos filhotes costumam nascer em épocas de fartura de alimentos. O filhote nasce cheio de listras brancas, que o ajudam a se camuflar no claro-escuro das matas. Acompanha a mãe por toda a parte. Na pesquisa realizada no Pontal, mãe e filhote foram observados ou capturados em diversos pontos dos carreiros, entre o parque e as reservas florestais vizinhas. Não usam muitos sons para se comunicar, mas têm um grunhido de alerta e respondem se chamadas com assobios, hábito que já lhes custou muitas baixas entre caçadores.

Saem com mais freqüência no crepúsculo ou à noite e normalmente não se aproximam de áreas habitadas pelo homem, embora possam se tornar razoavelmente dóceis quando criadas em cativeiro.

De dia, refugiam-se na mata densa ou ficam longos períodos dentro d'água. Elas são comuns nas florestas mais preservadas, mas estão cada vez mais ameaçadas pela fragmentação florestal. Originalmente distribuíam-se numa grande região da América do Sul, entre o Rio Grande do Sul e a Amazônia, estendendo-se para oeste até os Andes. Parte desta área coincide com a região de outra espécie de anta, menor e exclusivamente andina (*Tapirus pinchaqui*). Na América

Central, existe uma terceira espécie (*Tapirus bairdii*). E há a anta asiática, com pelagem de duas cores - branco e preto.

A maioria dos pesquisadores que trabalham com antas está num grupo internacional de especialistas, que discute, via Internet, os resultados de pesquisa e eventualmente financia projetos como os de Patrícia Médici. “É difícil obter apoio para pesquisas com antas porque elas não estão na lista das espécies criticamente ameaçadas de extinção”, diz ela. “Isso dificulta a obtenção de conhecimentos que poderiam ajudar a espécie a se manter distante da extinção”.

No ano passado, o acompanhamento das antas no Morro do Diabo sobreviveu de doações feitas por pessoas físicas e de equipamentos, pequenos financiamentos e apoio de instituições norte-americanas (Woodland Park Zoological Gardens, Columbus Zoological Park, Tapir Preservation Fund, Idea Wild) e brasileiras (Instituto Florestal do Estado de São Paulo e Ibama). O total de recursos foi da ordem de R\$ 13 mil, quando seriam necessários R\$ 40 mil anuais para tocar o projeto com autonomia, como acontece com pesquisas com espécies mais ‘famosas’, como o mico-leão-preto.

Caminho feito de florestas

O Instituto de Pesquisas Ecológicas está criando várias espécies nativas para formar 'corredores' para os animais irem de uma mata a outra

O trabalho de identificação dos ‘detetives ecológicos’ - que mostram os melhores caminhos entre fragmentos florestais, do ponto de vista da fauna só se completa com o reflorestamento ou enriquecimento da vegetação nativa existente ao longo destes caminhos. E, para fazer esta parte do serviço, o Instituto de Pesquisas Ecológicas-Ipê mantém viveiros com mais de 150 mil mudas, de 27 espécies nativas, junto à sede do Parque Estadual Morro do Diabo.

Com estas mudas, conta Jefferson Ferreira Lima, do Ipê, “estamos disseminando a idéia de ‘ilhas de diversidade’ ou pequenos bosques dentro de pro-

priedades privadas vizinhas ao parque, que servem como ‘trampolim’ para os animais irem de uma mata a outra”. Os bosques-trampolim funcionam especialmente para os animais menores, que normalmente não tomariam a iniciativa de atravessar uma área de lavoura muito extensa.

O trânsito de animais entre fragmentos florestais é importante para manter a diversidade genética das populações. Quando ficam ilhadas nos fragmentos, os animais vão se casando entre si e ficam com um alto grau de consangüinidade, que compromete sua sobrevivência a longo prazo. Se alguns animais podem transitar de um fragmento para outro, acabam trazendo ‘sangue novo’ e reduzindo esta consangüinidade.

Além das ‘ilhas de diversidade’, as mudas produzidas no Morro do Diabo servem para enriquecer os assentamentos, onde já começam a ser montados viveiros próprios, para plantio de cercas vivas e reflorestamento de matas ciliares. “Nos cursos que fazemos para os assentados, repassamos conhecimentos gerais e mostramos a importância de manter as árvores para a fauna, e cada assentado sai dali com seu modelo de plantio, todos eles úteis para a fauna”, conta Lima.

Já são 14 viveiros construídos em assentamentos vizinhos, produzindo cerca de 400 mil mudas para o que os pesquisadores do Ipê chamaram de ‘Abraço Verde’ em torno do parque, que inclui também trabalhos com os fazendeiros e educação ambiental nas cidades próximas.

“Incentivamos ainda o plantio de café com floresta, uma lavoura de café sombreada com nativas”, acrescenta. Por enquanto, são cinco unidades demonstrativas, à espera dos primeiros resultados para serem reproduzidas. “O ponto-chave é o trabalho de extensão rural, levar a argumentação correta no lugar devido”, diz Lima.

Um pouco de imaginação também ajuda: ele inventou uma maneira de embalar as mudas de árvores, enroladas como rocamboles, que facilitou muito o transporte pelos terrenos acidentados dos assentamentos, aumentando a eficiência na

distribuição das futuras árvores. A maioria delas ainda tem muito o que crescer, mas já estão embelezando a paisagem.

Mata Atlântica.



Liana John

Liana John é jornalista profissional desde 1977, tendo se especializado em Ciência e Meio Ambiente a partir de 1983 nas revistas *Isto É*, *Veja* e *Guia Rural Abril*. Ingressou na *Agência Estado* (AE) em 1988 e coordenou um serviço de matérias especiais sobre meio ambiente, liderando também a preparação dos jornalistas da AE para cobertura da Rio-92.

A seção de Ciência e Meio Ambiente lançada em 1995 no portal da AE, da qual Liana é editora, é distribuída para *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Eldorado AM e FM*, mais 220 jornais diários e semanais, rádios,

emissoras de TV e revistas, além de cinco agências de notícias internacionais.

Liana tem participado como debatedora do programa Biodiversidade em Debate, da *TV Cultura*, além de fazer parte de diversos júris de prêmios ambientais, como o CNI, de Ecologia; Yara e Abrelpe, de Jornalismo; Henry Ford, de Conservação; Embraco, de Educação Ambiental, entre outros.

Publicou ainda os livros *Nicarágua, Nicarágua* (1980), *Amazônia, Olhos de Satélite* (1990), *Rio Demene, um caminho para a Amazônia* (Livro eletrônico, 1992), *Ilhas ao Largo, o Brasil de Alto Mar* (Livro eletrônico, 2002) e o capítulo "Imprensa Especializada: um papel ainda incerto na Educação Ambiental", no livro "Avaliando a Educação Ambiental no Brasil" (1996).